

GA DAMEA, H.G.

"O caráter social da saúde."

Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

anexo 1 - disponível
(27-8)

Prefácio

Foram sempre conjunturas especiais que me levaram a manifestar-me sobre os problemas dos cuidados com a saúde e da arte médica. Os resultados dessas manifestações estão reunidos neste pequeno volume. Não deve surpreender que um filósofo, que não é médico e nem se sente como paciente, participe da problemática geral que se coloca sobre aspectos do cuidado com a saúde na era da ciência e da técnica. Em nenhum outro lugar os progressos da pesquisa moderna adentram tanto o campo de tensão sociopolítico de nosso tempo como nessa área. A constatação de que há limites de mensurabilidade nos foi ensinada pela física do nosso século. A meu ver, isso também é objeto de um elevado interesse hermenêutico, o que se torna ainda mais válido quando se trata não apenas da natureza mensurável, mas de seres humanos vivos. Assim, os limites da mensurabilidade e, de forma geral, da exequibilidade, penetram profundamente na área do cuidado com a saúde. Saúde não é algo que se possa fazer. Mas o que é saúde, então? Ela é um objeto de estudo científico na mesma medida em que se torna objeto para uma pessoa atingida por sua perturbação? O objetivo maior permanece sendo tornar-se novamente sadio e, com isso, esquecer que se está sadio.

Contudo, os domínios da ciência sempre penetram na vida das pessoas e, quando se trata da aplicação do conhecimento científico à própria saúde, a pessoa, então, não se torna objeto somente da perspectiva científica. Nesse caso, cada um tem suas experiências e costumes. Isso vale especialmente para as ainda controversas áreas periféricas da prática científica médica, a psicossomática, a homeopatia, as assim chamadas técnicas naturais de cura, a higiene, a indústria farmacêutica e para todos os aspectos ecológicos da saúde.

de. Isso vale igualmente para o tratamento médico e pensão de aposentadoria da população. O custo, aumentando cada vez mais, impõe, com extrema urgência, que o cuidado com a saúde seja novamente reconhecido e percebido como uma tarefa geral da própria população.

Desse modo, minhas contribuições aqui apresentadas também não são de modo algum dirigidas apenas aos médicos, diante dos quais elas, normalmente, foram conferidas sob forma de palestras, e também não são dirigidas somente aos pacientes, mas sim, mais fundamentalmente falando, a qualquer um que, como todos nós, procura cuidar de sua própria saúde através de seu modo de vida. Com isso, essa tarefa especial do ser humano converge num campo de ação bem mais amplo de nossa civilização tão vulneravelmente evoluída. Por toda a parte estamos de posse de um crescente set-capaz-de-fazer (Können) humano tão admirável quanto assustador, e importa inseri-lo em um todo regido por princípios do regime político. Há séculos que temos deixado de adaptar o conjunto de nossa cultura a essas novas tarefas. Basta lembrar o otimismo da humanidade que animava o século XVIII e compará-lo com o clima que paira neste final do século XX (sic), do ser humano na era das massas. Basta pensar no imenso incremento da tecnologia de armamento e do potencial de destruição nele presente. Pensemos na ameaça às condições de vida humana que representa o avanço técnico, do qual todos nós usufruímos. Mas pensemos também no tráfico de armas, tão incontrolável como o tráfico de drogas, e, especialmente, pensemos no fluxo de informações que ameaça afogar a capacidade humana de discernimento.

O caráter oculto da saúde é apenas uma pequena parte de todas essas tarefas que temos pela frente. Por toda a parte importa alcançar o equilíbrio entre capacidade de fazer e o querer e fazer responsável. Os problemas do cuidado com a saúde representam um aspecto no interior desse todo, o qual atinge diretamente todas as pessoas. Por isso, só nos resta estarmos de acordo sobre os limites da exequibilidade, os quais a doença e a morte nos ensinam. A preocupação com a própria saúde é um fenômeno primordial do ser humano.

Teoria, técnica, prática

"Não resta dúvida de que todo o nosso conhecimento começa pela experiência". Esse célebre início da *Crítica da razão pura* de Kant é, certamente, válido também para o saber que temos do ser humano. Por um lado, isso é o todo que se constitui dos crescentes resultados obtidos em contínuo progresso pela pesquisa em ciências naturais, o qual denominamos "a ciência". Por outro, há o saber acumulado pela experiência, através da chamada práxis, continuamente reunida por todo aquele que está vivendo, seja o médico ou o religioso, o educador, o juiz, o soldado, o político, o comerciante, o operário, o funcionário de empresa privada ou o funcionário público. Não apenas na esfera profissional de todas essas pessoas, mas, da mesma maneira, em toda a existência privada e pessoal cresce, permanentemente, a experiência que o ser humano tem consigo mesmo e com seus semelhantes. E, novamente, aflui uma enorme riqueza de saber ao ser humano, seja da herança cultural humana, da literatura, das artes em geral, da filosofia, da historiografia e de outras ciências históricas. É certo que tal saber é "subjetivo", quer dizer, em grande parte incontrolável e instável. No entanto, trata-se de um saber no qual a ciência não pode negar seu interesse. E assim o é, desde sempre, do tempo da "filosofia prática" de Aristóteles até a era romântica e pós-romântica das assim chamadas ciências humanas, tem-se transmitido um rico saber sobre o ser humano. Porém, diferentemente das ciências naturais, todas essas outras fontes de experiência possuem algo em comum que as caracteriza. O seu saber somente se torna expe-

fato da ciência era a última palavra e constituía a base da assim chamada teoria do conhecimento. As coisas mudam e hoje refletimos com mais consciência sobre o fato de que a ciência metódica estabelece para si seus limites mediante seu ser-capaz-de-fazer. É certo que ela sempre estará buscando superar esses limites. Não pode haver aqui uma demarcação obscurantista de fronteiras. No entanto, parece-me existir ainda outros limites que devemos considerar. Assim, pode bem ser afirmado que, nenhuma pessoa, que se veja apenas como um "caso", pode ser realmente tratada e nenhum médico pode ajudar um ser humano a superar uma enfermidade grave ou leve, com a qual ele tem de lidar, se esse médico empregar apenas o ser-capaz-de-fazer rotineiro de sua especialidade. Em ambas as perspectivas somos parceiros de um mundo-da-vida (*Lebenswelt*) que nos carrega. E a tarefa, colocada a todos nós como seres humanos, é, a saber, a de encontrarmos nosso caminho nesse mundo-da-vida e aceitarmos nossas verdadeiras condicionalidades. Essa via contém para o médico a dupla obrigação de unir a sua virtuosidade altamente especializada com a parceria no mundo-da-vida.

Sobre o caráter oculto da saúde

É necessário refletir sobre coisas que dizem respeito não somente ao médico na sua formação profissional e em seus interesses profissionais, mas a todos nós. Quem não conhece as primeiras experiências consternadoras na infância? De repente, sob a autoridade dos pais, fica declarado que se está doente e não se tem a permissão de se levantar pela manhã. Nos anos posteriores da vida, se ganha as experiências que deixam mais claro que a verdadeira singularidade não se encontra tanto na doença, mas no milagre da saúde.

Isso me oferece o ensejo de inserir a situação teórica científica e prática no grande contexto da sociedade marcada pela ciência moderna e de questionar como devemos nos orientar, na nossa práxis de vida, sobre saúde e doença. Não há dúvida de que, na experiência de saúde e doença, se manifesta algo de uma problemática geral que não se limita à posição especial da ciência médica no interior da ciência natural moderna. Seria bem acolhida uma conscientização da diferença entre medicina científica e a verdadeira arte de curar. Em última análise, essa é a diferença existente entre o saber das coisas em geral e a concreta aplicação desse saber ao caso isolado. Mas esse é um tema muito antigo da filosofia e do pensamento e é também um objeto especial de meu próprio trabalho filosófico, o qual é denominado hermenêutica. É claro que o saber das coisas em geral é passível de aprendizagem. Já o outro tipo de saber não é possível de ser aprendido, mas deve ser lentamente amadurecido através da própria experiência e da própria formação de juízo.

Com isso o nosso tema se move para um contexto bem amplo que, na realidade, é colocado a todos nós como tarefa vital desde o surgimento da ciência moderna e sua relação de

tensão com a riqueza de experiência da humanidade. Nós vivemos em um meio ambiente cada vez mais transformado pela ciência, um meio o qual quase já não ousamos mais chamar de natureza, ao mesmo tempo que temos de viver em uma sociedade modelada pela cultura científica da era moderna. Nela há milhares de normas e regulamentos que acabam por assinar uma crescente burocratização da vida. Dessa maneira, como é possível não perder o ânimo para se modelar a própria vida?

Parece-me ser bem significativo o fato de que uma expressão como "qualidade de vida" tivesse de ter sido inventada na civilização progressista e técnica de nossos dias. Ela pretende descrever o que sofreu neste meio-tempo. Contudo, na verdade é um tema muito antigo da humanidade o ter de "conduzir" sua vida e ter de se perguntar como se deve conduzi-la. Isso não vale somente para os homens europeus, marcados pela ciência. Trata-se de um tema muito antigo, existente mesmo nas sociedades onde ritos religiosos e saberes de cura determinam o cuidado com a saúde e são dominadas por determinados líderes e grupos sociais como as curandeiras e os curandeiros. Por toda a parte paira a pergunta inevitável, se não é a experiência acumulada que lentamente conduz à fixação e ao desenvolvimento de práticas, as quais devem ter sido resguardadas e se mantiveram válidas, mesmo que ainda não as encontremos resguardadas e não conheçamos nada dos motivos dos seus efeitos. Isso, certamente, determinou a vida da humanidade em todos os primórdios de cada época, não somente na esfera da saúde e da doença. Nas questões vitais sobre saúde e doença sobressai, em especial medida, apenas a tensão básica de nossa civilização fundamentada pela ciência. É isso que procuro sugerir através do título *Sobre o caráter oculto da saúde*.

Quando se pretende definir a ciência médica, pode-se, então, defini-la, antes de tudo, como a ciência da doença. A doença é aquilo que se impõe como a perturbação, o perigoso, com o qual se tem de lidar. De modo que se ajusta bem ao grande clima estimulador de inovações, sob o qual se encontra a moderna ciência no limiar da era moderna desde o sé-

culo XVII, o fato de o conceito de "objeto" ter se estabelecido no pensamento alemão. Essa palavra reflete muitas coisas. "Objeto" é aquilo que executa uma resistência, o que resiste à imposição natural e à inserção nos acontecimentos da vida. Nós enalteçemos isso na ciência como performance de objetivação, com a qual ela chega ao conhecimento. Em primeiro plano, isso implica o medir e o pesar. Nós nunca podemos nos livrar completamente do fato de que a nossa experiência científica e médica está voltada, primeiramente, a uma subjugação dos aparecimentos de doença. Trata-se, por assim dizer, de uma subjugação da natureza, ali onde a doença se manifesta. O importante é que se domine a doença.

Através da ciência moderna, a natureza, com auxílio do experimento, é forçada a fornecer respostas. A natureza é como que torturada. Libertar-se dos preconceitos remanescentes e partir para todas as direções em busca de novas experiências são características provenientes do grande impulso do século XVII. Deve-se deixar claro o seguinte: não é por acaso que a palavra "totalidade", tão empregada hoje em dia, seja uma formação lexical bem recente. Não se encontra essa palavra nem mesmo nos dicionários do século XIX. Para que tal acontecesse, fora antes necessário que o pensamento metódico da ciência matemático-experimental tivesse se imposto de tal forma na arte de curar que se sentisse perdido no labirinto da especialização e se perdesse a orientação para o todo. Todos nós nos encontramos sob o impulso da nossa própria autocerteza e autoconvicção metódica, que está ligada com a cientificidade e a objetividade. Mas não se deve acreditar que se possa simplesmente dar as costas a essa lei. Espero que o fato de estarmos aqui reunidos seja sinal de que todos fazemos parte de uma tarefa que seja colocada sob o lema da totalidade, mais ainda por todo aquele que leva a ciência a sério. Ela vale para cada médico, cada paciente e ainda mais para todos aqueles que não desejam-se tornar pacientes – os quais, afinal, somos todos nós. Infelizmente, temos de admitir para nós mesmos que o que se seguiu ao progresso da ciência foi o enorme retrocesso no cuidado geral com a saúde e na prevenção de doenças.

De qualquer modo, fica claro que o conceito de "totalidade" é uma expressão engenhosa que, através de seu conceito, a "especialização", se tornou necessária e expressiva. Especialização é a tendência irreprimível da ciência moderna e de todos os seus procedimentos metodológicos. A lei da especialização, como é sabido por todos, certamente não se limita somente ao desenvolvimento da ciência e da prática médica. Em todas as disciplinas da pesquisa científica nos encontramos, antes, perante a mesma situação produzida pelo isolamento metodológico de todas as áreas objetivas científicas, a qual nos obriga a um esforço interdisciplinar. Aquelas áreas que não podem, de maneira alguma, ser dominadas pelo recurso da verificação metódica, chegam mesmo a ser definidas como zonas cinzentas, e com esse conceito designamos não apenas aquelas coisas que, evidentemente, se guem desvairar. Um exemplo seria a astrologia. É possível alguém esclarecer, de fato, como se pode fazer afirmações tão surpreendentes sobre os destinos humanos com base em horóscopos, as quais acabam por se confirmar? Pode-se manter cético em relação a isso. Pode-se também ter suas próprias experiências. De qualquer forma, não se pode explicar isso. Na realidade, há inúmeros exemplos sobre os quais a ciência não pode afirmar o que um determinado procedimento pode realizar na práxis. Há muito conhecemos, por exemplo, a homeopatia como uma dessas áreas. Até mesmo os mais bem-intonados entre os clínicos céticos a designaram "udenopatia" (*Oudenopathie*)³⁰ e achavam que através desses medicamentos, de pequenas doses homeopáticas, na realidade, absolutamente nenhum efeito era exercido e somente se mantinha a aplicação de tais medicamentos porque eles exerciam um ótimo efeito de cura contra o abuso dos medicamentos químicos.

O fundamental permanece: a doença, e não a saúde, é o auto-objetivante, quer dizer, o lançar-se contra, resumindo,

30. Ouden, do grego: "nada", aqui no sentido de não fazer absolutamente nada.

o importuno. Eu quase cheguei a afirmar que ela, pela sua essência, é um "caso". De fato, também se diz que algo é caso de doença. O que significa "caso"? O uso da palavra deriva, sem dúvida, do jogo de dados. "Caso" significa, pois, aquilo que cabe a alguém no jogo de dados da vida³¹. A partir daí a palavra se infiltrou na gramática e na sua regra de declinação e designa o papel que cabe a um substantivo no contexto da frase ("caso" significa em grego *ptosis*, em latim *casus*). Assim também é com a doença, pois ela é como um acaso e também algo que cabe a alguém³². A palavra grega *sympton* significa, na verdade, acaso/algo que cabe a alguém (*Zufall*) e também é empregada em grego para a notabilidade de uma doença. Ela designa aquilo que, normalmente, se torna notável numa doença. Voltamos a nos ocupar aqui com o fato de que o verdadeiro mistério está no aspecto oculto da saúde. Ela não se declara por si mesma. Claro que é possível estabelecer valores padrões para a saúde. Mas quando, por exemplo, se quisesse impor esses valores padrões a uma pessoa saudável, o que conseguiríamos seria, antes, deixá-la doente. Habita, pois, na essência da saúde manter-se dentro de suas próprias medidas. A saúde não permite que valores padrões, transferidos ao caso singular com base em experiências médias, se imponham, pois isto seria algo inadequado.

Utilizei propositalmente a expressão "inadequado" para tomar consciente que aplicações de regras, com base em valores de medida, não é algo natural. As medições, seus padrões de medida e os procedimentos de medida servem-se de uma convenção, com a qual nos aproximamos das coisas e as submetemos à mensuração. Mas há também uma medida natural que as coisas carregam em si mesmas. Se não se pode medir verdadeiramente a saúde é por ela ser um estado

31. "Caso" significa em alemão *Fall*, e *assijn* foi traduzido. Já a minha tradução "caber a" refere-se ao verbo *zufallen*, o qual contém a palavra *fall*. Em alemão fica claro a semelhança entre as duas palavras, o que não ocorre em português (Nota do tradutor).

32. *Zufall* em alemão tem este sentido duplo, conforme explicado acima (Nota do tradutor).

da adequação interna e da conformidade com si próprio, que não pode ser superado por um outro controle. Por isso, faz sentido perguntar ao paciente se ele se sente doente. Tem-se a impressão que no ser-capaz-de-fazer do grande médico frequentemente concorrem fatores de sua mais secreta experiência de vida. Não é apenas o progresso científico da medicina clínica ou a infiltração de métodos químicos na biologia que faz o grande médico. Esses são todos progressos da pesquisa que possibilitam ampliar os limites do auxílio médico, perante os quais outrora se estava desamparado. Pertence à arte de curar, no entanto, não somente o combate efetivo contra a doença, mas também a reconvalescença e, por fim, o cuidado com a saúde.

Eu gostaria novamente de esclarecer a partir de um emprego lingüístico, como é justamente considerada, em tudo, a adequação interna, a conformidade interna, a qual não se pode medir. Espera-se do médico que ele "trate" seus pacientes³³. "Tratar" significa *palpare*, quer dizer, tocar o corpo do doente com a mão (a *palpa*) cuidadosa e sensivelmente para, com isso, perceber tensões e contrações que talvez confirmem ou corrijam o diagnóstico subjetivo do paciente, o qual se designa dor. A função da dor na vida é a de que a sensação subjetiva aponta para uma perturbação na estrutura de equilíbrio do movimento da vida que constitui a saúde. Conhece-se bem o problema - sobretudo na consulta ao dentista - de como é difícil localizar uma dor. Por isso, pode-se até mesmo "deduzir" a dor também, por exemplo, simplesmente com a mão. De qualquer modo, a ação do médico, quando ele possui tal capacidade, permanece sendo uma verdadeira arte.

Há uma famosa história do grande Krehl, cujo nome soa familiarmente como um mito a todo médico de Heidelberg. A história também é tão verdadeira como um mito. Em 1920 havia sido introduzido o estetoscópio elétrico e os estudantes perguntaram a Krehl se esse aparelho era melhor. Ele disse:

33. Aqui, novamente, será necessário entender a aproximação entre "tratar"/*behandeln* e "mão"/*Hand* (Nota do tradutor).

"Bem, na verdade os antigos estetoscópios eram melhores para se ouvir. Mas não posso julgar se sua autoridade é suficiente". Com a palpação também é assim. Quem a realmente domina pode sentir algo e todo o bom médico deveria tentar aprender a empregá-la.

Eu confesso que sou um pouco catedrático se, no caso de "tratamento", devesse pensar na mão³⁴. Mas a sabedoria catedrática nem sempre é um contra-senso. Às vezes é bem conveniente saber também sobre algo assim. Depois de termos esclarecido a origem da palavra palpação, prossigamos, então, a questionar: o que significa, de fato, "tratar"? Mais uma vez o uso lingüístico usual ultrapassa o significado da situação médica. Sem que sejamos médicos, também nos tratamos entre nós, às vezes bem, às vezes mal. Nesses momentos, o que estamos fazendo na realidade? O que isso significa? Fica claro que a tarefa se constitui em tratar alguém "corretamente". Isso quer dizer que estamos cumprindo uma norma ou seguindo uma regra? Eu creio, antes, que nos dirigimos corretamente ao outro, não o violentamos, não o importunamos de qualquer forma, não lhe impomos, por exemplo, uma medida ou um preceito. Quer se trate da regularização de normas através de aparelhos de medição modernos ou do despotismo educacional de uma instituição escolar ou da fúria autoritária de um professor ou de um pai, a tudo isso se contrapõe o reconhecer no outro o seu ser-diferente. Somente dessa maneira se poderá orientá-lo um pouco de modo que ele saiba encontrar seu próprio caminho, que lhe seja próprio. Tratamento sempre implica, ao mesmo tempo, permissão e não apenas a prescrição de regulamentos ou de receitas. Na verdade, fica claro para o médico quando se diz que fulano e beltrano estão sob o seu tratamento. Isso significa uma certa responsabilidade, mas também uma certa assistência tolerante. De qualquer modo, nenhum médico deveria ser tão atrevido a ponto de querer dominar o paciente. Ele deve aconselhá-lo e auxiliá-lo quando pode e sabe que o paciente estará sob o seu tratamento somente até a sua recuperação.

34. Ver nota anterior (Nota do tradutor).

Todo tratamento serve à natureza. A expressão "terapia", proveniente do grego, quer dizer serviço. Isso também requer um tipo de ser-capaz-de-fazer efetivo não somente contra a doença, mas também efetivo, precisamente, para o doente. Assim, em todo o tratamento há cautela e consideração. O médico deve inspirar confiança com a sua capacidade, mas não deve colocar em jogo a autoridade quando quer ter autoridade. Por isso, os cirurgiões são, às vezes, assustadores quando dizem: "Vamos retirar isso". Pode-se entender esse modo de se expressar porque a cirurgia moderna funciona, de fato, como um artesanato altamente elaborado. E o médico sabe bem que está lidando com um organismo humano e precisamente o cirurgião tem de considerar que, às vezes, se trata de vida ou morte. Enfim, permanece o fato de que o verdadeiro desempenho do médico não consiste em fazer alguma coisa. Ele pode colaborar com certas contribuições para o controle da saúde ou para recuperá-la. Mas o que é, então, de fato, a saúde, esse algo misterioso, o qual todos nós conhecemos e do qual, de alguma forma, precisamente por ser tão maravilhoso, so estar com saúde, não conhecemos nada?

Com o conceito de tratamento procurei deixar claro o que, na verdade, é exigido do médico em relação ao seu significado. De qualquer forma, não quer dizer dominar a vida de um ser humano. É certo que dominar alguma coisa é uma expressão muito utilizada no mundo moderno, por exemplo, em relação a uma língua estrangeira, ou, na medicina moderna, o dominar uma doença. Isso fica, com certeza, bem expressado. No entanto, a sua validade está sempre condicionada a uma restrição. Em toda a parte há limites. Assim, ao realizarmos algo conforme às regras, dizemos, com razão: "Isso nós já sabemos". Mas, no final, trata-se sim de algo mais. Pois não é apenas um caso de doença. De modo que não é tão extremamente estranho - e suficientemente horrível - que, hoje, ao entrar numa clínica, a pessoa perca seu nome verdadeiro e receba um número. Tem sua lógica. Deve-se ser encaminhado a um determinado departamento, já que se vai a uma clínica para uma consulta. No final, acabamos por tomar conhecimento de que se é um caso de alguma coisa.

Não é por acaso que todas essas descrições preparatórias demoram-se nas experiências que se faz como doente. Mas o nosso tema verdadeiro é: "O aspecto oculto da saúde". Ainda estamos objetivando esse tema do lado oposto. Mesmo quando se diz que se conseguiu dominar a doença, no final já se separou a doença da pessoa e ela é tratada como um ser com vida própria, com o qual se tem de lidar. Isso até ganha um sentido especial, se pensarmos nas grandes epidemias, cujo domínio foi tão amplamente alcançado pela medicina moderna. Mas sabemos bem que em tais epidemias sempre são muitos doentes individuais que se tomam suas vítimas. E, no entanto, elas são como um ser com vida própria. As pessoas têm de tentar quebrar sua resistência, mesmo quando, por fim, voltam a surgir em algum lugar novas forças agressoras da natureza. No final de nossas reflexões se saberá que a saúde sempre se encontra em um horizonte de perturbação e ameaça.

Mas cada doença isolada tem uma circunstância objetiva particular, tanto mais que em qualquer pessoa atuam fontes de erro particulares próprias de seres pensantes. Não nos sentimos bem. Imaginamos coisas. Aquele que se depara com dificuldades em sua profissão logo reconhece a manifestação de todas possíveis perturbações somáticas, já que o trabalho não está andando bem. Aqui em Heidelberg, a psicossomática não é totalmente desconhecida e, mesmo assim, carrega um mérito geral de o médico se tornar cada vez mais consciente do quanto ele depende da colaboração do paciente e como os mais comprovados modos de resultados sempre voltam a depender de fatores individuais que surpreendem qualquer um.

Não cabe a mim falar sobre coisas que outros conhecem melhor por experiência própria. No entanto, a medicina é, na verdade, apenas um dos aspectos da vida social que nos coloca diante de problemas através da ciência, da racionalização, da automatização e da especialização. Sobretudo a especialização derivou de necessidades concretas - mas, quando ela se imobiliza na forma de costumes rígidos, se torna também, ao mesmo tempo, um problema. O desenvolvimento

de tais paralisias tem suas raízes na natureza humana. Mas, na cultura científica da era moderna, isso conduziu a formas de vida que automatizam, dentro de uma ampla dimensão, a vida do indivíduo.

Quais possibilidades nós temos, então, de fato, quando se trata de saúde? Reside, sem dúvida, na vitalidade de nossa natureza o fato de a consciência se conter de si mesma de tal forma que a saúde passa a se ocultar. Apesar de toda a ocultação, ela se revela num tipo de bem-estar e, ainda mais, quando nos mostramos dispostos a empreendimentos, abertos ao conhecimento e podemos nos auto-esquecer, bem como quando quase não sentimos mesmo fadigas e esforços – isso é saúde. Ela não se constitui numa preocupação cada vez maior consigo mesmo, dada a situação oscilante do nosso bem-estar, ou muito menos em engolir pílulas repugnantes.

A perturbação da saúde é o que torna necessário o tratamento médico. Parte de um tratamento é o diálogo. Ele domina a dimensão decisiva de toda atividade médica, não somente entre os psiquiatras. O diálogo promove a humanização da relação entre uma diferença fundamental, a que há entre o médico e o paciente. Tais relações desiguais pertencem às mais difíceis tarefas entre os seres humanos. O pai e o filho. A mãe e a filha. O professor, o jurista, o pastor, resumindo: o profissional. Mas isso é algo que qualquer um de nós conhece bem, o quanto é difícil nos entendermos!

Tem-se consciência de que faz sentido perguntar: "Você se sente doente?" No entanto, seria quase ridículo se alguém perguntasse: "Você se sente com saúde?" É que saúde não é, de maneira alguma, um sentir-se, mas é estar-ai, estar-no-mundo, estar-com-pessoas, sentir-se ativa e prazerosamente satisfeito com as próprias tarefas da vida. Porém, tentemos partir em busca das experiências contrárias, nas quais o oculto se manifesta. Mas o que resta, então, quando, é verdade, se mede, mas quando se tem de submeter tudo o que foi medido a um teste crítico, porque os valores padrões, aplicados aos casos isolados, podem conduzir ao erro? Novamente a linguagem aponta uma importante direção. Nós havíamos vis-

to que o objeto, a resistência e a objetivação estão estreitamente relacionados entre si, porque são rebeldias que se impõem à experiência de vida humana. Por isso, a melhor maneira para entender o que seja saúde é imaginá-la como um estado de equilíbrio. O equilíbrio é como a ausência de gravidade, já que nele os pesos se compensam. A perturbação do equilíbrio somente pode ser afastada através de um contrapeso. Mas, a cada tentativa de compensar uma perturbação com um contrapeso, já acontece a ameaça de uma nova perda inversa de equilíbrio. Lembremos como foi a primeira vez que subimos numa bicicleta. Com que força agarrávamos o guidom para apenas tentar controlá-lo quando a bicicleta tendia para um lado e, mesmo assim, em seguida estávamos caindo.

Por isso, a manutenção do equilíbrio é um modelo bem instrutivo para o nosso tema, uma vez que mostra o perigo de toda intervenção. Sempre há ameaça de se fazer demais. Há uma bela passagem nas *Elegias de Duino*, de Rilke: "como o permanente 'pouco demais' se transforma naquele vazio 'muito demais'". Essa é uma boa explicação de como um equilíbrio se perde com a imposição de força, com uma intervenção excessiva. O cuidado com a saúde, assim como muitos conscientes de tratamento médico, é dominado por tal experiência. Isso leva a se temer o emprego desnecessário de medicamentos, porque é extremamente difícil também para esse tipo de intervenção acertar o momento certo e a dose certa. Assim, nos aproximamos cada vez mais daquilo que, de fato, é saúde. Ela é o ritmo da vida, um processo contínuo, no qual o equilíbrio sempre volta a se estabilizar. Todos nós conhecemos isso. Aí está a respiração, o metabolismo e o sono, três fenômenos rítmicos, cujo decurso provoca vitalidade, revigoramento e aquisição de energia. Não se tem de ser um leitor voraz como parece ter sido Aristóteles, que dizia: "Vai-se passear – em razão da digestão". É claro que se pode sair para passear por outros motivos ou por nenhum motivo especial. Mas assim era Aristóteles. Conta-se que ele lia permanentemente durante as noites. Para não adormecer ele segurava uma esfera de metal, sob a qual havia uma bacia de metal. Quando adormecia, a esfera o acordava e ele, então, continuava lendo.

Mas, na verdade, aquelas funções rítmicas não são, de fato, controláveis, elas ocorrem conosco. No sono isso acontece de forma particularmente misteriosa. É um dos grandes enigmas para a nossa experiência humana de vida. A profundidade do sono, o despertar repentino, a perda de noção do tempo, de modo que não sabemos se dormimos algumas horas ou uma noite inteira. São singularidades. O adormecer talvez seja a mais genial invenção da natureza ou de Deus - esse lento crepúsculo, de tal forma que nunca se pode dizer: "Agora estou dormindo". Mais difícil é o despertar, pelo menos para o modo de vida antinatural de nossa civilização, o qual dificulta o despertar. Mesmo assim, são as experiências rítmicas que nos sustentam. Elas têm pouca semelhança com o tomar comprimidos e querer, conscientemente, influenciar essas coisas.

Poder-se-ia continuar especulando sobre todas essas observações, a fim de, no caráter oculto da saúde, reconhecer o segredo de nossa vitalidade. Da forma como acontece com a vida, isso tange também a morte. Como sabedor, o médico, precisamente, vê-se confrontado com esse aspecto duplo de nosso ser. Assim, todos os médicos fazem o juramento hipocrático. Sabe-se do que se trata. Mas também se sabe o quanto a aparelhagem para o ser-ai humano de nossa civilização, a experiência da morte e os problemas com o prolongamento do morrer pesam na consciência do médico. Em Platão consta que não se pode curar apenas o corpo sem a alma - e mais: sem conhecer a natureza do todo. Isso não significa uma totalidade no sentido de um lema metódico, mas a unidade do próprio ser. É o todo, dos movimentos astrais ao clima, à disposição das águas e condições dos campos e florestas, que cerca a natureza humana em seu estado geral e no que a ameaça. A medicina parece uma verdadeira ciência universal, especialmente se estendermos esse todo ao todo de nosso mundo social.

Mas talvez uma famosa frase de Heráclito possa, mais uma vez, reunir nossos pensamentos sobre o tema: "A harmonia oculta é sempre mais forte que a manifestação". Uma frase que parece evidente num primeiro momento, mas que, na

verdade, não diz muito. Pensa-se logo no efeito de satisfação ligado à harmonia na música, no desenlace feliz de enredos sonoros ou na súbita realização de uma experiência mental. Mas a frase somente se torna bem evidente quando se pensa na harmonia dos humores, como a antiga medicina o designava. Pois a harmonia da saúde comprova seu verdadeiro vigor ao não aturdir ninguém como acontece com a dor lancinante ou a loucura paralisante da embriaguez, as quais evidenciam e produzem, na realidade, perturbação.

Eu gostaria de concluir. O filósofo tem sempre a tarefa de se distanciar das coisas concretas, mas de levar à consciência aquilo que, no final, esclarece alguma coisa. Assim, talvez aqui também tenha ficado claro como todo tratamento médico se relaciona com o lema da totalidade. Não se trata da simples concordância entre causa e efeito, entre intervenção e êxito, mas de uma harmonia não manifesta, cuja recuperação é o que importa e na qual se encontra, por fim, o milagre da reconvalescença e o segredo da saúde. Ela significa proteção e segurança (*Geborgenheit*).

Desse modo, gostaria de concluir com a seguinte afirmação: os seres humanos vivem, decerto, como todos os seres vivos, preocupados com a defesa contra os ataques permanentes e ameaçadores à sua saúde. Todo o sistema de mucosa do organismo humano é como uma enorme represa que estanca aquilo que, de outra forma, nos inundaria com elementos nocivos. No entanto, não estamos numa posição permanente de defesa. Nós próprios somos a natureza e é a natureza em nós que mantém o auto-estruturado e pronto para a defesa do sistema orgânico de nosso corpo e, ao mesmo tempo, preserva o nosso equilíbrio "interno". É uma singular inserção recíproca da vitalidade. Somente se pode estar contra a natureza, quando se é natureza e quando a natureza está conosco. De modo que nunca deveríamos esquecer que, ao se obter uma cura, o doente e o médico se juntam para conferir honras à natureza.